4

Impacto da toxicodependência na parentalidade e saúde mental dos filhos - Uma revisão bibliográfica

TERESA MUCHATA, CARLA MARTINS

Artigo recebido em 13/01/10; versão final aceite em 01/03/10.

RESUMO

Esta revisão bibliográfica centra-se nos efeitos da toxicodependência ao nível da parentalidade e da saúde mental das crianças e adolescentes, filhos de progenitores toxicodependentes. Os factores de risco e os factores protectores apontados pela literatura como estando associados a esta problemática serão também abordados. Terminamos com uma apresentação do tipo de intervenção que tem sido levada a cabo para a promoção de uma parentalidade adequada e da saúde mental das crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Toxicodependência; Parentalidade; Factores de Risco e Factores de Protecção.

RÉSUMÉ

Cette synthese bibliographique se concentre sur les effets de la dépendance toxicomane au niveau parental de la santé mentale des enfants et adolescents, enfants de geniteurs toxicomanes. Les facteurs de risque et les facteurs protecteurs sont pointées par la litérature comme étant associé à ce problème qui seront abordés. Nous terminons avec une présentation de type d'intervention mené au bout par une forme d'autorité parentale adaptée à la santé mentale des enfants et adolescents.

Mots-clé: Toxidépendance; Autorité Parentale; Facteurs de Risques et Facteurs de Protection.

ABSTRACT

This literature review focuses on the effects of drug abuse in terms of the parenting and mental health of children and adolescents, the offspring of drug dependent parents.

The risk and protective factors identified by the literature as being associated with this issue will also be addressed.

We will be concluding with a presentation of the type of intervention that has been carried out to promote better parenting and inprove mental health in children and adolescents.

Key Words: Drug Addiction; Parenting; Risk Factors and Protective Factors.

RESUMEN

Esta revision bibliografica se fija en los efectos de la drogodependencia al nivel de la parentalidad y de la salud mental de los niños e adolecientes, hijos de progenitores drogodependientes. Los factores de risco y los factores protectores apuntados por la literatura como estando asociados a esta problemática serán también abordados. Terminamos con una presentación del tipo de intervención que se tiene usado para promover una parentalidad adecuada y la salud mental de los niños e adolecientes.

Palabras Clave: Drogodependencia; Parentalidad; Factores de Risco; Factores de Protección.

1 – INTRODUÇÃO

A toxicodependência tem efeitos nocivos a vários níveis. A nível individual afecta a saúde física e mental. Em termos físicos, a dependência de substâncias ilícitas pode comprometer a saúde do indivíduo dado estar associada a uma maior probabilidade de doenças infecciosas, má nutrição e falta de higiene pessoal. No que diz respeito à saúde mental, são comuns problemas de ordem afectiva, de relacionamento interpessoal, de adaptação a normas e valores, baixa auto-estima, baixo nível de tolerância à frustração e alterações na percepção da realidade. Habitualmente associam-se, também, circunstâncias de vida muito difíceis como a pobreza, a instabilidade profissional, a marginalização e problemas judiciais (Moro, Esteve, Moreno, Quintanilla, Vivanco, González, Barea, Tenório, Romero, Arjona, Casares, Cañas, Polónio, & Navarro, 2000).

Quando o toxicodependente se torna pai ou mãe, a dependência de substâncias compromete a parentalidade e a própria saúde mental dos filhos na infância e adolescência (Murphy & Lawless, 2002). Ao nível da parentalidade, verifica-se que mães toxicodependentes têm piores resultados em escalas de atitudes parentais, quando comparadas com mães que não apresentam essa problemática (Hettinger, Nair, & Shuler, 2000). No que diz respeito à saúde mental, das crianças e adolescentes, regista-se, por exemplo, uma elevada prevalência de consumo de drogas entre os filhos de toxicodependentes. As taxas de consumo de drogas, ao longo da vida, em crianças cujos pais apresentam esta problemática, são consideradas mais elevadas, do que as de um grupo "não vulnerável" (Goulden & Sondhi, 2001).

Com o objectivo de esclarecer de que forma a toxicodependência interfere na parentalidade e se repercute na saúde mental dos filhos, foi levada a cabo a presente revisão da literatura. Os objectivos centrais desta revisão foram: a) esclarecer de que forma o abuso de drogas compromete a parentalidade; b) averiguar como a toxicodependência afecta a saúde mental das crianças e adolescentes; c) que factores podem colocar as crianças e adolescentes em risco ou protegê-los; e d) como é que a intervenção na promoção de uma parentalidade saudável, pode ser preventiva para a saúde mental dos filhos, minimizando os riscos associados ao abuso de drogas pelos pais.

O método utilizado consistiu na pesquisa bibliográfica utilizando a base de dados do Centro de Documentação do Instituto da Droga e da Toxicodependência, com acesso em www.idt.pt. Foi também utilizada a base de dados de texto integral EBSCO host – support site, introduzindo as palavras chave, sendo factor de exclusão estudos desenvolvidos apenas com indivíduos alcoólicos.

2 - IMPACTO DA TOXICODEPENDÊNCIA NA PARENTALIDADE

Os efeitos da toxicodependência fazem-se sentir quer na função materna quer na função paterna. De uma forma geral, o próprio compromisso com a parentalidade, quando associado ao consumo crónico conduz, grande parte das vezes, à dificuldade em manter funções parentais organizadoras, protectoras e satisfatórias. O confronto com esta fragilidade e incapacidade de cumprir desencadeia situações de recaída, nos consumos de droga, em situações de algum tempo de paragem, ou agrava situações de consumo continuado, que por sua vez, dificultam o assegurar da função parental (Almeida, 2001; McMahon & Rounsaville, 2002). Nestes casos, em situação clínica assiste-se muitas vezes a uma parentificação das crianças, que são investidas como prestadoras de cuidados aos seus progenitores, durante o seu tratamento. Este sobreinvestimento de funções próprias do adulto deixa estes menores em situação de fragilidade e insegurança, pois confrontam-se com a necessidade de cuidar de alguém, quando precisavam de ser cuidados (Barroso & Salvador, 2007).

Considerando a identificação como fundamental no processo de construção da identidade, Almeida (2001) fala da fragilidade e da imaturidade da imagem parental do toxicodependente, quer seja o pai, quer seja a mãe, que deve constituir motivo de preocupação, devido ao efeito que terá na construção da identidade dos filhos.

Quando se trata da mãe toxicodependente, a investigação mostra que estas mães manifestam piores resultados em escalas de atitudes parentais. Comparadas com mães não toxicodependentes, estão mais sujeitas a factores de risco (violência doméstica, falta de alojamento adequado,

depressão e outros problemas psiquiátricos...), o que as coloca, mais facilmente, em situação de falhar a nível da função materna (Hettinger, Nair & Shuler, 2000).

A propósito das crianças filhas de toxicodependentes, Burkhart (2000) defende que "a atenção e as experiências emocionais que elas recebem por parte dos pais são inadequadas, as mães são frias, críticas, dominadoras e demonstram pouca preocupação pelas necessidades dos filhos." (p. 33)

O uso de drogas pela mãe, as suas características de personalidade e a forma como presta os cuidados à criança, causam maior impacto do que as características do pai. No entanto, não podemos deixar de considerar que o uso de drogas pelo pai tem também um forte impacto. A situação da criança agrava-se quando o uso de drogas pelo pai interage com o uso de drogas pela mãe (Brook, Tseng, & Cohen, 1996; Frank, Brown, Johnson, & Cabral, 2002).

Estudos mostram que nesta população existe uma maior probabilidade de manifestação de perturbações psiquiátricas específicas, nomeadamente a personalidade anti-social, caracterizada por alterações de comportamento como a impulsividade, o alheamento e a agressividade. Quando se trata do pai toxicodependente, tais manifestações podem, por sua vez, comprometer o papel paternal, como modelo de identificação para os filhos, no que diz respeito ao relacionamento inter-pessoal e aos comportamentos de socialização (Clark, Parker, & Lynch, 1999; Moss, Mezzich, Yao, Gavaler, & Martin, 1995). Outras perturbações psiquiátricas podem também ser um importante determinante de comportamento parental disfuncional, do pai toxicodependente, na relação com as suas crianças, quando associadas a esta problemática, como é o caso da ansiedade, depressão, intolerância à frustração (Brook, Brook, Rubenstone, Zhang, Castro, & Tiburcio, 2008; Johnson, Cohen, Kase, & Brook, 2004). Os pais são menos afectivos e menos centrados na criança, a relação pai/criança é facilmente uma relação de conflito e de dificuldade na colocação de regras e disciplina (Blackson, Tarter, Martin, & Moss, 1994; Brook, Tseng, & Cohen, 1996).

A investigação mostra-nos ainda que as características da personalidade do pai e o seu comportamento influenciam a identificação dos filhos adolescentes. Por sua vez, esta identificação é determinante na formação da personalidade e na adaptação do comportamento dos filhos, às diferentes situações. Os filhos facilmente se identificam com o comportamento dos pais, quando têm problemas relacionados com o consumo de drogas. (Brook, Whiteman, Gordon, & Brook, 1984a, 1984b).

Os resultados dos estudos de McMahon e colaboradores (2007) sugerem que influências situacionais (problemas de ordem social, financeira e muitas vezes, também, legal) e a história de vida do indivíduo toxicodependente interagem comprometendo a responsabilidade como pai. Neste sentido, Frank e colaboradores (2002) referem que a toxicodependência aumenta a probabilidade de o pai estar preso e estar desempregado, o que o coloca numa situação de fragilidade a vários níveis e pode comprometer a parentalidade. Por um lado, é a imagem desvalorizada e ausente, por outro, a dificuldade no cumprimento de responsabilidades para a satisfação de necessidades básicas e fundamentais. McMahon, Winkel e Rounsaville (2008) encontram que o pai toxicodependente tem pobres relações com a mãe dos seus filhos, reside menos vezes com a criança, é menos vezes o suporte financeiro, tem baixo autoconceito de si e menos satisfação como pai.

3 - PROBLEMÁTICAS ENCONTRADAS NOS FILHOS DE DEPENDENTES DE DROGAS ILÍCITAS

Como podemos ver, a investigação mostra-nos que a toxicodependência, e as circunstâncias que se lhe associam (instabilidade profissional, pobreza, marginalização, a doença mental ou física), interfere na função parental. Neste ponto, centramo-nos no impacto da toxicodependência dos pais na saúde mental dos filhos.

3.1 - No caso das crianças

O impacto da toxicodependência faz-se sentir logo desde o período neonatal. Tal como refere Palminha e colaboradores (1993), as condições adversas para as crianças filhas de mães toxicodependentes têm início na gravidez e terão como consequência, o baixo peso e a síndrome de privação à nascença. Estas condições provocam, muitas vezes, a necessidade de internamento

prolongado do bebé, que conduz a uma separação precoce mãe/bebé, contribuindo para dificultar o processo de vinculação. Quando também o pai é toxicodependente, as capacidades deste, como prestador de cuidados, estão comprometidas, ficando dificultado o seu papel fundamental no apoio e suporte à relação mãe/criança.

A fragilidade e a vulnerabilidade destas crianças, devido às condições difíceis em que vivem, desde muito cedo, colocam-nas em risco para a doença mental, algo que está bem documentado na literatura.

Palminha e colaboradores (1993, pág. 131) referem que: "Em relação ao grupo de crianças ressaltamos o facto de predominarem as interacções de má qualidade, com capacidade de simbolização pobre e manifestaçoes psicopatológicas do tipo de atrasos do desenvolvimento e problemas de comportamento, o que nos faz recear a fragilidade da sua organização psíquica e consequente vulnerabilidade à doença mental. Os tipos de comportamentos passivos e desorganizados que observámos, confirma-nos a fragilidade e vulnerabilidade destas crianças. Parece-nos importante realçar a tendência que se observou para piores resultados no grupo de crianças mais velhas, o que nos leva a supor que existe uma degradação progressiva nas capacidades e qualidades destas famílias." Acompanhadas desde a gravidez, as crianças mais velhas foram as que sofreram um impacto mais duradouro da problemática dos seus pais.

Uma das manifestações do impacto da toxicodependência dos pais nas crianças tem a ver com as alterações do comportamento. Verifica-se uma maior propensão para comportamentos de internalização (relacionados com manifestações de isolamento, ansiedade e depressão) e comportamentos de externalização (relacionados com manifestações de comportamento de oposição e incumprimento de regras, assim como de comportamento agressivo) por parte destas crianças, comparativamente com outras que não vivem esta problemática (Brook, Tseng, & Cohen, 1996; Moss, Clark & Kirisci, 1997; Stewart, Kelley, Fincham, Golden, & Logsdon, 2004). Também dificuldades ao nível do desempenho cognitivo acontecem com frequência, podendo estar associadas às perturbações de comportamento (Frank *et al.,* 2002). Burkhart (2000), baseando-se nos resultados de um estudo francês, de Bouchez e Coppel (1997), sobre filhos de toxicodependentes, refere que nestas crianças podemos encontrar distúrbios comportamentais, sintomas de ansiedade e depressão.

Um estudo de Almeida (1998) realizado com os filhos dos utentes, de um centro de atendimento a toxicodependentes, concluiu que estas crianças habitualmente apresentam dificuldades de aprendizagem, alterações de comportamento, de humor ou queixas psicossomáticas. Particularmente, no que diz respeito às dificuldades de aprendizagem, Negrão e Seabra (2007) encontram uma relação significativa entre viver em família de risco, com pai toxicodependente, e problemas no desenvolvimento das crianças e adolescentes, que se reflectem nas competências escolares.

Devemos ainda salientar que, um estudo de Campo & Rohner (1992) encontrou uma elevada percepção de rejeição paternal e maternal em crianças filhas de dependentes de drogas ilícitas, com impacto negativo a nível do seu desenvolvimento psicossocial.

3.2 - No caso dos adolescentes

É a maior vulnerabilidade para o consumo de drogas, a problemática mais preocupante nos adolescentes, filhos de toxicodependentes. De acordo com a literatura estão em maior risco de se tornarem consumidores de drogas, em consequência do contacto precoce com a substância, mas principalmente, devido a factores de instabilidade familiar e parentalidade disfuncional (Blackson, Tarter, Martin, & Moss, 1994; Castro, Brook, Brook & Rubenstone, 2006; Brook, Brook, Rubenstone, Zhang, Castro & Tiburcio, 2008; Clark, Parker & Lynch, 1999; Maunder, Moss & Murrelle, 1998; Rittenhouse & Miller, 1984). Comparados com outros jovens, cujos pais não vivem esta problemática, iniciam o consumo de drogas mais cedo (Aytaclar, Tarter, Kirisci, Lu, 1999). Um estudo de Brook e colaboradores (1984a, 1984b, 1986) conclui pela não existência de diferenças entre os adolescentes do sexo masculino e feminino, cujo pai é toxicodependente, no que diz respeito à identificação parental, quando se trata do consumo de drogas pelos jovens. Facilmente se identificam com o pai toxicodependente, no que se refere ao comportamento de consumo de drogas.

No entanto, um estudo de Pajer, Gardner, Kirillova e Vanyukov (2001) mostra diferenças no que diz respeito à manifestação de alterações do comportamento, entre adolescentes do sexo masculino e feminino, filhos de toxicodependentes, evidenciando que os do sexo masculino têm tendência para manifestação de comportamento agressivo, impulsividade e atitude antissocial, enquanto os do sexo feminino têm menos propensão para o comportamento impulsivo e mais manifestações de ansiedade e depressão.

Comportamentos problemáticos de interiorização e externalização são frequentes nos adolescentes cujos pais têm problemas relacionados com a dependência de drogas, principalmente quando o problema do pai se prolonga no tempo, ultrapassando o sexto ano de vida do filho (Moss, Clark, & Kirisci, 1997). Outros estudos encontram esta associação entre a toxicodependência dos pais e as perturbações de comportamento dos filhos, independentemente do tempo de influência da problemática do pai sobre o desenvolvimento do filho (Clark, 1997; Johnson, Cohen, Kasen, & Brook, 2004), concluindo pelo aumento de vulnerabilidade para pertubações do comportamento na descendência de indivíduos toxicodependentes.

Quando existe uma predisposição parental para o uso de drogas, aumentam as perturbações antissociais entre os adolescentes do sexo masculino, com grandes dificuldades a nível do relacionamento interpessoal (Clark, Parker, & Lynch, 1999).

A associação entre um deficiente funcionamento a nível cognitivo e uma elevada activação a nível comportamental foi estudada, por Aytaclar e colaboradores (1999), em jovens filhos de toxicodependentes e comparados com jovens que não vivem esta problemática, vindo a concluir que nos jovens em risco existe uma elevada activação comportamental e um baixo desempenho a nível cognitivo, o que vem a reflectir-se em baixo desempenho escolar.

O maior uso da agressividade física e verbal na tentativa de resolução de problemas, a nível familiar ou com os pares, é mais comum entre jovens filhos de toxicodependentes do que em outros jovens (Moss, Mezzich, Yao, Gavaler & Martin, 1995).

4 - FACTORES DE RISCO E DE PROTECÇÃO PARA OS FILHOS DOS TOXICODEPENDENTES

Há factores que constituem maior risco para estas crianças e outros que, por sua vez, as podem proteger do maior impacto da problemática dos seus pais.

Em termos de factores de risco, a literatura mostra que a dependência de drogas ilícitas de ambos os pais, as recaídas frequentes e novas tentativas de tratamento constituem risco acrescido. Quando ambos os pais são modelos de toxicodependência, os filhos sofrem mais este impacto e aumenta a probabilidade de transferência intergeracional, ou seja, de os filhos apresentarem a problemática dos pais. Por sua vez, as recaídas frequentes constituem momentos de grande instabilidade na vida familiar, que afecta os filhos (Brook, Tseng & Cohen, 1996; Moro *et al.,* 2000). O prolongamento do problema, por muito tempo, ou a sua cronicidade, assim como a idade precoce das crianças, ao terem contacto com o problema dos pais, provocam maior impacto e mais duradouro (Moro *et al.,* 2000). Quando apenas um dos progenitores é toxicodependente, constitui maior risco para a criança, ser a mãe a ter o problema. Tratando-se do pai, o impacto é considerado menor (Brook, Tseng & Cohen, 1996). No entanto, quando se trata do pai, também as dificuldades no relacionamento, nomeadamente a conflitualidade e o fraco envolvimento afectivo, constituem factor de risco relativamente ao impacto desta problemática nas crianças (Brook, Brook, Richter, Whiteman, Mireles & Masci, 2002; Brook, Tseng & Cohen, 1996; Brook, Brook, Rubenstone, Zhang, Singer & Duke 2003). No caso de filhos adolescentes, a vulnerabilidade própria desta fase do desenvolvimento pode ser um factor de risco aumentado pelas características da personalidade e do relacionamento parental (Brook, Whiteman, Gordon & Brook, 1984).

Factores ambientais relacionados com a precariedade socioeconómica (devido a situações de instabilidade profissional, desemprego e gastos excessivos de dinheiro no consumo de drogas), com a marginalização (por envolvimento em tráfico e venda de drogas, prostituição, delinquência e afastamento social) e com o estado precário de saúde são também factores de

risco (Moro *et al.*, 2000). Quando associados à vulnerabilidade da personalidade dos jovens e à influência dos pares, aumenta o risco para problemas de comportamento e consumo de drogas (Brook, Brook, Rubenstone & Zhang, 2006).

No que diz respeito aos factores protectores, verifica-se que quando apenas o pai é consumidor de drogas, constitui menor risco o pai estar separado da mãe, vivendo os filhos apenas com esta, pois é eliminado o modelo negativo de comportamento, assim como fica reduzido o conflito e a instabilidade do ambiente familiar (Tarter, Schultz, Kirisci & Dunn, 2001). A mãe, sendo saudável, pode proteger os filhos, na medida do possível, da influência do pai toxicodependente, através dos seus cuidados e atenção e de modelos alternativos de comportamento (Moro *et al.*, 2000). No caso de ser a mãe toxicodependente, a influência do pai, não sendo consumidor, é considerada como factor protector (Brook, Tseng & Cohen, 1996).

Segundo alguns autores, determinadas práticas educativas que vão no sentido da assertividade da disciplina parental, constituem factor de protecção relativamente ao impacto da problemática dos progenitores nas crianças (Brook, Brook, Richter, Whiteman, Mireles, & Masci, 2002; Brook, Brook, Rubenstone, Zhang, Singer & Duke, 2003; Brook, Tseng, & Cohen, 1996).

Outro aspecto a considerar, tratando-se do filho adolescente, é a capacidade para fazer face às dificuldades, também designada de *coping*, que se pode constituir como protector, na interacção com os factores ambientais e de relação parental, para problemas de comportamento e consumo de drogas (Brook, Brook, Whiteman, Mireles, Pressman, & Rubenstone, 2002).

Outros factores se podem também constituir como protectores: menor tempo de exposição à problemática implica menor impacto e menos duradoiro; a idade dos filhos e a sua maturidade – quanto mais velha for a criança, quando os pais iniciam ou mantêm os consumos, menor será o impacto; e quando os filhos se podem manter afastados do problema, através do apoio de outros familiares ou de rede de apoio social (Hogan, 1998; Moro *et al.,* 2000).

5 - A INTERVENÇÃO PARA A PROMOÇÃO DE UMA PARENTALIDADE SAUDÁVEL, ENQUANTO PREVENÇÃO AO NÍVEL DA SAÚDE MENTAL DOS FILHOS DE TOXICODEPENDENTES

Considerando que a intervenção neste âmbito se situa a um nível preventivo, destinada a minimizar riscos e danos nos filhos, faz sentido esclarecer de que prevenção se trata, sem no entanto o fazer em profundidade, pois não é esse um dos objectivos deste trabalho. Tendo em conta os tipos de prevenção de Meili (2004), referenciado em EMCDDA Thematic Papers (2009), estamos perante uma Prevenção Indicada. Trata-se de uma abordagem preventiva voltada para aqueles com alto risco de desenvolvimento de problemas posteriores, também podendo ser relacionados com abuso ou dependência de drogas. As acções podem ser dirigidas à interacção pai/criança ou à criança (ou adolescente) com manifestações problemáticas.

No que diz respeito à intervenção, propriamente dita, a evidência empírica vai em dois sentidos. Por um lado, no sentido do apoio aos pais toxicodependentes para o **desenvolvimento de uma parentalidade saudável**, **apoio na relação pai/mãe-filho** e, por outro, **apoio directo aos filhos.**

Considerando que a **intervenção para uma parentalidade saudável** terá como consequência fazer diminuir a existência de problemas nos filhos de toxicodependentes, os resultados de alguns estudos vão no sentido de que os programas de tratamento dos pais devem ser centrados em mostrar como os comportamentos parentais, tais como o uso de drogas e a pobre relação pai-criança, contribuem para problemas de comportamento, incluindo o abuso de drogas ilícitas (Burkhart, 2000; Castro, Brook, Brook & Rubenstone, 2006). Daí que esses programas deveriam mostrar que o uso de drogas compromete a responsabilidade de ser pai e deveriam centrar-se no desenvolvimento da parentalidade adequada, como algo importante no papel do homem, promovendo uma relação próxima pai-filho (Brook, Brook, Richter, Whiteman, Mireles, & Masci, 2002; McMahon & Rounsaville, 2002; McMahon, Winkel, Suchman, & Rounsaville, 2007; McMahon, Winkel & Rounsaville, 2008). No mesmo sentido, outros estudos

mostram que intervenções para implementar comportamentos de parentalidade e redução de conflitos familiares conduzem a um melhor ajustamento no desenvolvimento de crianças filhas de toxicodependentes (Stewart, Kelley, Fincham, Golden & Logsdon, 2004).

Também centrando o foco da intervenção na parentalidade, Burkhart (2000) refere um programa belga, de intervenção para pais toxicodependentes, com início precoce, logo na maternidade, e envolvendo uma equipa de técnicos, multidisciplinar, com o objectivo de melhorar a qualidade do relacionamento entre os progenitores e os seus filhos, melhorar a auto-imagem dos pais, centrada na parentalidade e não na problemática que apresenta. Este programa pretende, também, conseguir uma redução do número de crianças que são retiradas aos seus progenitores, com todos os riscos que podem advir para a criança, melhorando as competências parentais, a vários níveis. Nesta mesma linha de ideias, e considerando a gravidez e a maternidade como momentos importantes para a mudança, desde que com o apoio técnico adequado, Palminha e colaboradores (1993) defendem uma intervenção com início na gravidez, seguindo-se na maternidade, e actuação, também no domicílio, de uma equipa de profissionais das diferentes áreas, para apoio aos progenitores e aos seus filhos.

No sentido de uma **intervenção centrada na promoção da saúde mental dos filhos**, a importância do desenvolvimento de acções que visam identificar e corrigir, o mais cedo possível, situações problemáticas, nas crianças e adolescentes filhos de toxicodependentes, é salientada no estudo de Brook, Brook, Rubenstone, Zhang, Castro & Tiburcio (2008). No mesmo sentido, e com o objectivo de diagnóstico e tratamento de dificuldades, projectos para apoio aos filhos dos toxicodependentes, com consulta especializada e dirigida às crianças e adolescentes, têm sido desenvolvidos, no nosso país, nos centros públicos de tratamento especializado para a toxicodependência, tentando envolver outros serviços de saúde, educação e acção social. Estes projectos permitem, também, diminuir os danos do impacto da toxicodependência e reduzir incapacidades de forma a permitir um ajustamento mais saudável das crianças e adolescentes no grupo de pares e comunidade escolar. (Almeida, 1998 e 2001; Baptista, Morais, Florindo, & Duarte, 2008; Barroso & Salvador, 2007; Muchata, 2004; Negrão & Seabra, 2007; Pimenta, Ferreira, Rodrigues, Oliveira & Rodrigues, 2007).

6 - CONCLUSÃO

A literatura mostra-nos que a toxicodependência interfere na capacidade para ser mãe ou ser pai. A maior parte da literatura, acerca da parentalidade e dependência de substâncias ilícitas, centra-se na capacidade materna, sendo raramente considerado o papel do pai, que neste trabalho quisemos também esclarecer, não só quando é o pai o toxicodependente, mas também quando se alia ao problema da mãe.

A parentalidade consiste, de uma forma geral, na tarefa de providenciar os cuidados necessários ao desenvolvimento físico e psicológico da criança, considerando a criança na sua individualidade e no momento particular do desenvolvimento. Normalmente, compete ao pai e à mãe reconhecer e responder de forma adequada às necessidades físicas e psicológicas da criança, providenciar segurança nos momentos de perigo, facilitar a exploração do ambiente e a socialização, atribuir significado ao comportamento da criança. Estas capacidades da figura parental ficam comprometidas pela interferência da toxicodependência e pelas circunstâncias difíceis que se lhe associam, dificultando a parentalidade saudável. Há todo um conjunto de factores pessoais e ambientais que se constituem como factores de risco e de protecção, cuja interacção deve ser considerada quando pretendemos a compreensibilidade desta problemática e o seu impacto nos filhos. À problemática do comportamento adictivo associam-se, habitualmente, circunstâncias de vida muito difíceis, com as quais interagem, também, perturbações psicológicas que dificultam a função parental e afectam o desenvolvimento saudável dos filhos, que ficam mais vulneráveis e em risco de ter problemas no que respeita ao seu desenvolvimento normal, tanto física como mentalmente. Os pais revelam-se menos centrados nas crianças e mais em si próprios, têm dificuldade no controlo das emoções, são menos sensíveis, responsáveis e afectuosos,

são mais negligentes com as necessidades físicas dos seus filhos e muitas vezes criam-se situações em que a criança fica separada de um dos pais ou de ambos.

Podemos prever que é considerável o número de menores que estão expostos a um meio familiar que lhes oferece pouca estabilidade emocional, devido à problemática dos seus progenitores. Tal como nos mostra a literatura, estas crianças e jovens podem desenvolver sérios problemas emocionais e de comportamento, o que lhes dificulta o acesso a uma vida saudável.

Estas crianças e adolescentes, filhos de toxicodependentes, constituem um grupo de risco que merece a nossa atenção, para que sejam envolvidos em medidas interventivas, para tentar diminuir a incidência de problemas, identificá-los e corrigi-los o mais precocemente possível, limitar os danos existentes e permitir o ajustamento saudável, minimizando assim o impacto da problemática dos seus pais.

CONTACTOS:

TERESA MUCHATA
Psicóloga Clínica
IDT – DRN – CRI de Braga / ET de Braga
Rua Conselheiro Januário, 152
4700 Braga
253008690
E-mail: teresa.muchata@idt.min-saude.pt

CARLA MARTINS
Professora Associada
Escola de Psicologia
Universidade do Minho
Campus de Gualtar
4710-057 Braga
E-mail: cmartins@iep.uminho.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, C. T. (1998). "Os filhos dos toxicodependentes ou o trabalho com crianças em risco". *Toxicodependências, 4* (1), 41-50.

Almeida, C. T. (2001). "Só o Super-Homem é que não chora... Acompanhamento a crianças filhas de toxicodependentes no Centro de Atendimento a Toxicodependentes (CAT) de Oeiras". *Toxicodependências, 7* (3), 23-28.

Aytaclar, S., Tarter, R. E., Kirisci, L., & Lu, S. (1999)."Association between hiperactivity and executive cognitive functioning in childhood and substance use in early adolescence." *Journal of the American Academy of Child and Adolescent, 38* (2), 172-178.

Baptista, C., Morais, A. T., Florindo, J., & Duarte, R. (2008). "Análise descritiva de variáveis sócio-demográficas de toxicodependentes com filhos." *Toxicodependências, 14* (2), 45-50.

Barroso, C., & Salvador, E. S. (2007). "Crianças que parecem andar um pouco por aí, pelo ar, ...Os filhos dos toxicodependentes no CAT de Leiria e no Pólo da Marinha Grande." *Toxicodependências, 13* (3), 61-68.

Blackson, T. C., Tarter, R. E., Martin, C. S., & Moss, H. B. (1994). "Temperament-Induced Father-Son Family Dysfunction: Etiological Implications for Child Behavior Problems and Substance Abuse." *American Journal of Orthopsychiatric, 64* (2), 280-291.

Brook, D. W., Brook, J. S., Rubenstone, E., Zhang, C., Singer, M., & Duke, M. R. (2003). "Alcohol use in adolescents whose fathers abuse drugs." *Journal of Additive Diseases, 22* (1), 11-34.

Brook, D. W., Brook, J. S., Richter, L., Whiteman, M., Mireles, O. A., & Masci, J. R. (2002). "Marijuana use among the adolescent children of high-risk drug-abusing fathers." *The American Journal on Addictions, 11*, 95-110.

Brook, D. W., Brook, J. S., Rubenstone, E., & Zhang, C. (2006). "Aggressive behaviors in the adolescent children of HIV-positive and HIV-negative drug-abusing fathers." *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse, 32*, 399-413.

Brook, D. W., Brook, J. S., Rubenstone, E., Zhang, C., Castro, F. G., & Tiburcio, N. (2008). "Risk Factors for distress in the adolescent children of HIV-positive and HIV-negative drug-abusing fathers." *AIDS Care, 20* (1), 93-100.

Brook, D. W., Brook, J. S., Whiteman, M., Mireles, O. A., Pressman, M. A., & Rubenstone, E. (2002). "Coping in Adolescent Children of HIV-positive and HIV-negative substance abusing fathers." *The Journal of Genetic Psychology*, *163* (1), 5-23.

Brook, J. S., Gordon, A. S., Whiteman, M., & Brook, D. W. (1986). "Father-daughter identification and its impact on her personality and drug use." *Developmental Psychology, 22* (6), 743-748.

Brook, J. S., Tseng, L. J., & Cohen, P. (1996). "Toddler Adjustment: Impact of Parents' Drug Use, Personality, and Parent – Child Relations." *The Journal of Genetic Psychology, 157* (3), 281-295.

Brook, J. S., Whiteman, M., Gordon, A. S., & Brook, D. W. (1984a). "Paternal determinants of female adolescent's marijuana use." *Developmental Psychology*, *20* (6), 1032-1043.

Brook, J. S., Whiteman, M., Gordon, A. S., & Brook, D. W. (1984b). "Identification with paternal attributes and its relationship to the son's personality and drug use." *Developmental Psychology*, *20* (6), 1111-1119.

Burkhart, G. (2000). "Intervenções na primeira infância – possibilidades e experiências na Europa." *Toxicodependências*, *6* (2), 33-46.

Campo, A. T., & Rohner, R. P. (1992). "Relationships between perceived parental acceptance-rejection, psychological adjustment, and substance abuse among young adults." *Child Abuse and Neglect*, *16* (3), 429-440.

Castro, F. G., Brook, J. S., Brook, D. W., & Rubenstone, E. (2006). "Paternal, Perceived maternal, and youth risk factors as predictors of youth stage of substance use a longitudinal study." *Journal of Additive Diseases*, *25* (2), 65-75.

Clark, D. B. (1997). "Psychopathology in preadolescent sons of fathers with substance use disorders." *Journal of the American Academy of Child and Adolestent Psychiatry, 36* (4), 495-502.

Clark, D. B., Parker, A. M., & Lynch, K. G. (1999). "Psychopathology and Substance-Related Problems Duing Early Adolescence: A Suvival Analysis." *Journal of Clinical Child Pychology, 28* (3), 333-341.

EMCDDA Thematic Papers (2009). Preventing Later Substance use disorders in at-risk children and adolescents – A review of the theory and evidence base of indicated prevention. Acedido em http//www.emcdda.europa.eu/themes/neuroscience.

Frank, D. A., Brown, J., Johnson, S., & Cabral, H. (2002). "Forgotten fathers: an exploratory study of mothers' report of drug and alcohol problems among fathers of urban newborns." *Neurotoxicology and Teratology, 24* (3), 339-347.

Hettinger, L. A., Nair, P., & Shuler, M. E. (2000). "Exposure to environmental risk factors and parenting attitudes among substance abusing women." *American Journal of Drug and Alcohol Abuse, 26*(1), 1-11.

Hogan, D. M. (1998). "Annotation: The psychological development and welfare of children of opiate and cocaine users: review and research needs." *Journal of Child Psyychology and Psychiatry, 39* (5), 609-620

Johnson, J. G., Cohen, P., Kasen, S., & Brook, J. S. (2004). "Paternal psychiatric symptoms and maladaptive paternal behaviour in home during the child rearing years." *Journal of Child and Family Studdies, 13* (4), 421-437.

Maunder, P. P., Moss, H. B., & Murrelle, L. (1998) "Familial and Non-familial Factors in the Prediction of Disruptive behaviors in boys at risk for substance abuse." *Jounal of Child Psychology and Psychiatry, 39* (2), 203-213.

McMahon, T. J., & Rounsaville, B. J. (2002). "Substance abuse and fathering: adding poppa to the research agenda." *Addiction, 97*, 1109-1115.

McMahon, T. J., Winkel, J. D., & Rounsaville, B. J. (2008). "Drug abuse and responsible fathering: a comparative study of men enrolled in methadone maintenance treatment." *Addiction, 103* (2), 269-283.

McMahon, T. J., Winkel, J. D., Suchman, N. E., & Rounsaville, B. J. (2007). "Drug-abusing fathers: patterns of pair bonding, reproduction, and paternal involvement." *Journal of Substance Abuse Treatment, 33* (3), 295-302.

Moro, C. S., Esteve, M., Moreno, B., Quintanilla, L. F. Vivanco, L., González, F., Barea, M., L., Tenório, J., Romero, M., Arjona, E., Casares, R., Cañas, M., Polónio, J. A., & Navarro, C. (2000). *El Acogimiento Familier de los Menores Hijos de Padres Toxicómanos.* Madrid: Colección Intress.

Moss, H. B., Clark, D. B., & Kirisci, L. (1997). "Timing of paternal substance use disorder cessation and effects on problem behaviors in sons". *The American Journal on Addictions, 6* (1), 30-37.

Moss, H. B., Mezzich, A., Yao, J. K., Gavaler, J., & Martin, C. S. (1995). "Aggressivity among sons of substance-abusing fathers: association with psychiatric disorder in the father and son, paternal personality, pubertal development, and socioeconomic status." *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse, 21* (2), 195-208.

Muchata, T. (2004). "O que eu mais queria era que a minha história não se repetisse – Trabalho desenvolvido com filhos dos utentes, no Centro de Atendimento a Toxicodependentes de Braga". *Toxicodependências, 10* (1), 63-67.

Negrão, R., & Seabra, P. (2007). "Dificuldades de aprendizagem em crianças e adolesdentes filhos de toxicodependentes". *Toxicodependências*, *13* (2), 41-53.

Pajer, K., Gardner, W., Kirillova, G. P., & Vanyukov, M. M. (2001). "Sex differences in cortisol level and neurobehavioral disinhibition in children of substance abusers." *Journal of Child and Adolescent Substance Abusers, 10* (4), 65-76.

Palminha, J. M., Lucas, A. M., Vasconcelos, M. T., Manteigas, M. Z., Mano, M. A., Costa, M. H., Domingos, M. P., Marques, M. N., Cordeiro, M. J., Sardinha, L. M., Silva, M. F., & Nunes, J. M. (1993). *Os filhos dos toxicodependentes – Novo grupo de risco Bio-Psico-Social.* Porto: Bial.

Pimenta, A., Ferreira, A. I., Rodrigues, F., Oliveira, L., & Rodrigues, M. (2007). "Análise descritiva das variáveis sociodemográficas relativas aos filhos dos utentes do CAT Ocidental do Porto." *Toxicodependências*, *13* (2), 55-61.

Rittenhouse, J. D., & Miller, J. D. (1984). "Social learning and teenage drug use: an analysis of family dyads." *Health Psychology*, *3* (4), 329-345.

Stewart, W. F., Kelley, M. L., Fincham, F. D., Golden, J., & Logsdon, T. (2004). "Emotional and Behavioral Problems of Children Living with Alcohol-abusing and Non-Substance-Abusing Fathers". *Journal of Family Psychology*, *18* (2), 319-330.

Tarter, R. E., Schultz, K., Kirisci, L., & Dunn, M. (2001). "Does living with a substance abusing father increase substance abuse risk in

male offspring? Impact on individual, family, school, and peer vulnerability factors." *Journal of Child and Adolescent Substance Abuse, 10* (3), 59-70.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Mckganey, N., Mcintosh, J., & MacDonald, F. (2003). "Young People's Experience of Illegal Drug use in the Family." *Drugs: education, prevention and policy, 10* (2), 169-184.

Observatório Europeu das Drogas e da Toxicodependência (OEDT). Relatório Anual. (2003). *Acedido em http:// www.idt.pt.*